



FATORES ENVOLVIDOS NA FALTA DE PERSPECTIVA DE FUTURO EM ADOLESCENTES USUÁRIOS DE ÁLCOOL E DROGAS

ANTUNES, Beatriz Medeiros de Matia.
DE SOUZA, Cristiano.

RESUMO

A expectativa em relação ao futuro de adolescentes vem acompanhada de diversos fatores. A adolescência é uma fase da vida repleta de mudanças de ordem física, cognitiva, emocional e social. Desta forma, a tomada de decisão é repleta de dúvidas, expectativas voltadas à sociedade, a família, a escola, as relações, entre outros. As perspectivas vão além do cognitivo do adolescente. Ele também exime por muitas vezes as circunstâncias do meio em que o adolescente convive, suas crenças, suas ideologias, seu contexto familiar, suas verdades, entre outros fatores vivenciados pelo mesmo. Outro fator relevante na fase da adolescência, considerada por autores como uma fase para conhecer fatos novos, experimentar tudo que é diferente, é o uso de álcool e drogas. Fator este, considerável para mudar o rumo e contexto de futuro do adolescente. Podemos analisar que não há um padrão certo ou errado em relação a futuro e a perspectiva do adolescente, e sim aquilo que o faz sentir-se realizado enquanto adulto. O artigo propõe reflexões acerca do que para o adolescente de um modo geral, pode ser considerado e levado em conta a respeito de seu futuro. Dado que muitos fatores são primordiais para tal contexto e considerações. Este estudo, objetiva apresentar pontos relevantes considerados na falta de uma perspectiva de futuro em adolescentes usuários de álcool e outras drogas.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescentes, Perspectivas, Drogas, Futuro.

1. INTRODUÇÃO

No decorrer dos anos, o relacionamento entre indivíduos, sua visão de mundo e de futuro, vêm passando por transformações em decorrência das diversas mudanças na sociedade. Os adolescentes, porém, estão mais expostos a circunstâncias de vulnerabilidade e incertezas (PIRES, 2020).

De acordo com, PAPALIA (2013), ainda que não apenas o feitio dos adolescentes é diferente de quando eram crianças, mas eles também pensam e falam de forma diferente. A velocidade do processamento de conhecimento deles continua a aumentar. Embora o pensamento possa permanecer imaturo em certos aspectos, muitos têm a capacidade de raciocinar em termos abstratos e de emitir ponderações morais sofisticadas, além de poder planejar o futuro de modo mais realista.

As expectativas em relação ao futuro têm sido consideradas um fator importante de proteção ao desenvolvimento saudável na adolescência, pois pensar sobre o futuro motiva o comportamento cotidiano e influencia escolhas, decisões e atividades futuras (ZAPPE *et al.*, 2013).



A finalidade deste trabalho é buscar através de estudos já realizados, diante das diversas esferas existentes na vida dos adolescentes, como estes percebem e têm expectativas em relação ao futuro, considerando principalmente o indício do uso de álcool e drogas. A elaboração vem ao encontro de conversas, acompanhamento e intervenções de grupos em CAPSAD (Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras drogas).

O grupo terapêutico desenvolvido no CAPSAD com os pacientes, tem por objetivo criar espaços de reflexão, para que os adolescentes busquem o sentido de suas próprias vivências, na tentativa de possibilitar que encontrem uma resposta diferente, que não a droga, transformando suas realidades (MÉLEGA, 1994).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ADOLESCÊNCIA

A adolescência é um momento de passagem da fase infantil para a idade adulta, onde ocorrem mudanças de ordem física, cognitiva, emocional e social. Também, é nesta fase que os adolescentes passam pelo processo de construção de identidade, que acontece em interação com a comunidade, podendo influenciar de forma positiva ou negativa o seu desenvolvimento (FONSECA, 2017).

De acordo com o Ministério da Saúde (2004), a adolescência é considerada à faixa etária entre 10 e 20 anos – conforme critério definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) – e incide em um processo de emancipação afetado por diversos fatores nos quais atitudes, hábitos e comportamentos se encontram em transformação.

Na maioria das sociedades modernas, a transição da infância para a vida adulta é apontada não por um único evento, mas por um longo período conhecido como adolescência – considerado uma passagem no desenvolvimento que abrange mudanças físicas, cognitivas, emocionais e sociais e adota formas variadas em diferentes contextos sociais, culturais e econômicos (PAPALIA, 2013).

O impulso aumentado do cérebro por gratificação na adolescência manifesta-se na vida dos adolescentes de três maneiras diferentes. Uma é simplesmente a impulsividade elevada, onde os atos ocorrem sem uma reflexão cuidadosa. Em outras palavras, o impulso inspira ação sem nenhuma pausa. Fazer uma pausa nos permite pensar sobre as outras opções além do impulso imediato alimentado pela dopamina que esmaga nossas mentes. Dizer àquele impulso para se acalmar exige tempo e energia, então é mais fácil



simplesmente não fazê-lo. Dito isto, com o impulso por gratificação mais forte e mais premente do que nunca quando somos adolescentes, arranjar o tempo necessário para o processamento – para a reflexão e a autoconscientização – torna-se muito importante. Se qualquer noção se transforma imediatamente em uma ação sem reflexão, estamos vivendo as nossas vidas pisando no acelerador e sem freios. Isso pode ser muito estressante para os adolescentes e para os adultos que cuidam deles (SIEGEL, 2016 p. 54 – 55).

A adolescência oferece oportunidades para o crescimento não só em termos de dimensões físicas, mas também em competência cognitiva e social, autonomia, autoestima e intimidade (PAPALIA, 2013).

Esta é uma fase da vida que pode ser ao mesmo tempo desconcertante e maravilhoso. Com uma duração que vai aproximadamente dos doze aos vinte e quatro anos de idade, a adolescência é conhecida em várias culturas como uma fase de amplos desafios, tanto para os adolescentes quanto para os adultos que os rodeiam (SIEGEL, 2016).

Adolescência também é uma fase do desenvolvimento humano demarcada por diversas mudanças que vão desde os aspectos fisiológicos aos aspectos cognitivos e socioculturais. A partir disso, considera-se que este período é assinalado por tensões e conflitos (internos e externos) que podem provocar situações em que os adolescentes aprendem novas formas de se relacionar consigo e com seus pares. Essas mudanças impactam diretamente na construção da identidade dos jovens a partir de pontos de referência encontrados ao longo de suas trajetórias, influenciando em suas escolhas profissionais, sociais, afetivas, etc. A nível social, o adolescente despende mais tempo em atividades sociais fora do contexto familiar, dando mais importância ao grupo de pares, que fornecem suporte ao mesmo tempo que servem de modelos. Verifica-se assim uma contribuição dos pares para fenômenos de conformismo e desafio da autoridade parental (RIBEIRO, 2011).

2.2 FAMÍLIA E ADOLESCÊNCIA

Conforme Fonseca (2017), adolescentes necessitam estar inseridos em contextos (exemplo: escola, família e instituições sociais) que garantam a proteção de seus direitos fundamentais, desta forma teriam suas necessidades físicas, sociais e emocionais preenchidas, além de vivenciar experiências positivas oportunizando maiores expectativas de sucesso.

O primeiro ambiente social que convivemos e aprendemos sobre cuidado, proteção, carinho, valores e limites é o ambiente familiar e este, hoje, pode ter diversas formas. Assim, é importante trazer que a relação familiar é muito importante para decidir como será o vínculo e, este por sua vez poderá dar suporte à criança e ao adolescente em suas escolhas e em seu desenvolvimento integral (PIRES, 2020).



Segundo a Política Nacional de Assistência Social, família é entendida como um espaço privilegiado e insubstituível de proteção e socialização primárias, provedora de cuidados aos seus membros, e que também precisa ser cuidada e protegida (BRASIL, 2004).

Ao longo dos anos, notou-se que a família foi sendo compreendida como sujeito político, uma instituição que tem lugar na sociedade e um papel fundamental na vida dos indivíduos em formação (BELFORT, *et al.*, 2015).

A família tem competência de alterar suas estruturas quando ocorrem mudanças em seu meio. As mudanças estruturais nutrem a estabilidade do sistema e, assim, impulsionam o desenvolvimento das modalidades organizativas mais complexas, de auto-organização, esforçando-se para encontrar o equilíbrio. Desta forma, quando os sintomas aparecem (violência intrafamiliar, situações de abuso sexual, alcoolismo e uso de drogas entre os membros da família, etc.), interrompem a evolução do sistema (PEREIRA, 2010).

A criança e o adolescente que sofrem o abandono passam a ter dificuldades em gerar comportamentos de reciprocidade no jogo interpessoal da interação social, ou seja, passam a ter menos possibilidades de apresentar comportamentos equivalentes aos de seus cuidadores (como os profissionais das instituições de acolhimento, por exemplo) (PEREIRA, 2016).

De acordo com PEREIRA (2016), o desamparo ou afastamento do convívio familiar possuem efeito interpessoal aversivo, ou seja, geram condutas evitativas. O abandono restringe a mobilidade da pessoa, o que reduz a oportunidade dos contatos sociais e o isola; desta forma, tende a debilitar a criança e o adolescente e, em consequência, estes também reduzem sua iniciativa de ativação da própria rede.

Sendo assim, é importante que, ao longo do processo evolutivo, o indivíduo possa compartilhar seus medos, angústias e dúvidas com os pais, uma vez que a família exerce um papel primordial no desenvolvimento humano (PRATTA E SANTOS, 2007).

2.3 ÁLCOOL E DROGAS NA ADOLESCÊNCIA

No entanto, existem adolescentes que não estão inseridos em sistemas de apoio com a presença da família. Em alguns casos, podem estar afastados de suas famílias, seja em instituições de proteção ou em instituições para cumprimento de medidas socioeducativas (ZAPPE *et al.*, 2013).



Os autores, Santos e Costa (2013), destacam que é durante a adolescência que o indivíduo deseja conhecer coisas novas, experimentar tudo que é diferente, mostrar para a sociedade que “já experimentou, já usou, já sabe como é”, numa prova de exibir sua maturidade e coragem diante do desconhecido.

Um fator importante, que se destaca, é o caso da dependência de drogas, que provoca alterações importantes na vida do usuário, diminuindo sua autoestima e afetando a busca por melhores condições de vida (INOUE, 2012).

É na adolescência, o período mais suscetível ao uso de drogas e que traz consequências irreparáveis, pois seu efeito é devastador na saúde, aprendizagem e convivência familiar e comunitária (SANTOS E COSTA, 2013).

O autor, PINA, *et al.*, (2019), enfatiza que substâncias psicoativas alteram grande parte da percepção do indivíduo; potencializam sofrimentos e aumentam a impulsividade, como também culminam na perda de vínculos significativos e, devido a estes e outros fatores, acabam deixando o sujeito em alta vulnerabilidade para o autoextermínio, seja de forma impensada ou não.

Uma pesquisa realizada em um CAPSAD III (Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Outras Drogas III) demonstrou que o acompanhamento através de grupos psicoterapêuticos, é algo significativo para a evolução dos participantes, conseguindo mudar seus olhares sobre a vida, passando a ter uma visão mais otimista e futurista. Com o passar dos encontros saíram da percepção de um passado traumático, passando a apresentar uma visão mais positiva, focada em uma expectativa de futuro e na realização de sonhos (PINA, *et al.*, 2019).

Assegurar um espaço no qual o sujeito possa vir a falar sobre sua história de vida em um ambiente que se direciona às escutas significativas e o possibilita grande potencial para a resignificação de suas vivências, já que este poderá tornar-se terapeuta de si mesmo a partir do momento em que compartilha experiências e saberes, tendo no grupo suporte e apoio (PINA, *et al.*, 2019).

2.4 ADOLESCÊNCIA E MERCADO DE TRABALHO



Hoje, uma das passagens da vida juvenil para a vida adulta é a entrada no mundo do trabalho. Os jovens, no entanto, na sua primeira inserção ao trabalho já enfrentam problemas específicos como o requisito da experiência prévia (Ministério da Saúde, 2010).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no art. 60 determina a proibição de qualquer trabalho a menores de dezesseis anos de idade, salvo na condição de aprendizes a partir de quatorze anos. Preconiza ainda, no art. 61, a proteção ao trabalho de adolescentes que respeitem a sua condição de pessoas em desenvolvimento e que sua capacitação profissional seja adequada ao mercado de trabalho. No caso de adolescentes com deficiência, assegura o direito ao trabalho protegido (Ministério da Saúde, 2010).

O restrito mercado de trabalho pode reproduzir as hierarquias sociais existentes, consequentemente os jovens de classe social baixa passam a ter ocupações desvalorizadas e de baixa remuneração (Ministério da Saúde, 2010).

Os autores, Dibe e Castro, (2010), perceberam que mudanças culturais, estruturais e institucionais afetaram o mundo do trabalho e da produção nas últimas décadas, ocasionando uma notável despadronização do curso da vida e a fragmentação das trajetórias biográficas.

O desemprego, as dificuldades no acesso ao mercado de trabalho e, especialmente, ao primeiro emprego, vão atingir todos os jovens, de formas e intensidades diferentes, acarretando variadas modalidades de exclusão e vulnerabilidade, conforme as diferenças que os sujeitos apresentem quanto a gênero, raça, nível de instrução, localização geográfica e classe social. Nesse aspecto, os jovens pertencentes aos estratos mais pobres são os mais frontalmente atingidos pelo desemprego e pelas mudanças no mercado de trabalho. Contudo, como os estudos analisados revelam, os jovens de classe média e alta também se veem afetados (DIBE, S.K.D, CASTRO, L.C., 2010, p. 4-5).

Crianças e adolescentes que se deparam em situação de vulnerabilidade social são consideradas aquelas que sofrem negativamente as consequências das desigualdades sociais; da pobreza e da exclusão social; da falta de vínculos afetivos na família e nos demais espaços de socialização; da passagem abrupta da infância à vida adulta; da falta de acesso à educação, trabalho, saúde, lazer, alimentação e cultura; da falta de recursos materiais mínimos para sobrevivência; da inserção precoce no mundo do trabalho; da falta de perspectivas de entrada no mercado formal de trabalho; da entrada em trabalhos desqualificados; da exploração do trabalho infantil; da falta de perspectivas profissionais e projetos para o futuro; do alto índice de reprovação e/ou evasão escolar; da oferta de integração ao consumo de drogas e de bens, ao uso de armas, ao tráfico de drogas (ABRAMOVAY, CASTRO, PINHEIRO, LIMA, MARTINELLI, 2002).



Para explicar a dificuldade dos adolescentes em acessar as formas de oportunidades, considera-se a junção de dados secundários sobre a educação, saúde, cultura, lazer e trabalho, insumos fundamentais para o desenvolvimento dos recursos materiais e simbólicos. Dados estes que apontam para a existência de deficiências no acesso dos jovens a esses bens serviços, o que colabora com a manutenção da situação de vulnerabilidade social (ABRAMOVAY, CASTRO, PINHEIRO, LIMA, MARTINELLI, 2002).

Uma pesquisa realizada pela UNICEF e o Gallup (2021), realizada em 21 países, considera que os adolescentes e jovens estão mais otimistas do que os adultos em relação ao futuro. Porém, este dado do Brasil tem mostrado um dos índices mais baixos entre os países analisados.

Nos 21 países analisados, adolescentes e jovens são mais propensos do que os adultos a acreditar em um futuro melhor. Ao serem perguntados se o mundo está se tornando um lugar melhor para cada nova geração, 57% deles disseram que sim, versus 39% dos adultos. No Brasil, o índice de otimismo foi o segundo mais baixo, atrás apenas do Mali, país da África ocidental. Somente 31% dos adolescentes e jovens brasileiros, e 19% dos adultos, acreditam que o mundo está melhorando. As entrevistas foram realizadas entre fevereiro e junho de 2021. É importante notar que no Brasil foram realizadas entre o dia 23 de fevereiro e o 17 de abril, o pior momento da pandemia de covid-19 no País (UNICEF, 2021).

Para Henrietta Fore, Diretora executiva do UNICEF, “Não faltam motivos para o pessimismo no mundo de hoje: mudança climática, pandemia, pobreza e desigualdade, aumento da desconfiança e crescimento do nacionalismo. Mas aqui está um motivo para otimismo: adolescentes e jovens se recusam a ver o mundo através das lentes sombrias dos adultos”.

Diversos estudantes desistem de estudar para trabalhar, comprometendo, por muitas vezes, seu processo de formação e capacitação profissional [...] a vulnerabilidade abrange os trabalhadores em varias dimensões, ou seja, as novas exigências do mercado, e desigualdade na produção cooperam para que este grupo enfrente grandes dificuldades baseadas na falta de alternativa nos empregos, crescimento da informalidade e escassa abertura de novos postos de trabalho. Desta forma, afirma-se que o trabalho é um dos insumos mais cruciais com os quais contam os indivíduos de classes médias e baixas (ABRAMOVAY, 2002).

Por um lado, há relatos sobre o paradoxo da exigência de experiência prévia para uma primeira ocupação. Uma vez ocupando um posto de trabalho, grande contingente vivencia dificuldades de diversas naturezas derivadas, seja de sua baixa qualificação, seja de seu baixo grau de articulação política comparado ao de seus colegas adultos (ABRAMOVAY, 2002).



O autor, PIRES (2020), realizou uma pesquisa com 497 alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II até alunos do 3º ano do Ensino Médio, ou seja, jovens de 11 a 18 anos de ambos os sexos, de duas escolas estaduais, onde o objetivo da pesquisa foi identificar e analisar a compreensão e os possíveis projetos de vida de adolescentes e sua possível relação com o comportamento de risco. Dentre os resultados destacou-se:

Dentre aqueles que possuem projeto de vida, foi verificada uma preocupação maior com o trabalho e com estudos seguidos de outros objetivos. Os pais são apontados como os principais incentivadores ao desenvolvimento de projetos de vida. No que tange aos comportamentos de risco, é identificada diferença significativa relacionada ao primeiro intercurso sexual. Um dado alarmante é que mais da metade dos adolescentes possui autoestima insatisfatória, e este fato não apresentou relação com possuir ou não projeto de vida. Já em relação à satisfação com a vida, fica evidente que o fato de possuir um projeto de vida contribui para maior contentamento com a própria vida, em especial no que se refere aos pares, escola e satisfação total. A busca por profissões tradicionais, pouca ou nenhuma intervenção acerca do tema e também certa confusão na construção das ideias dos adolescentes são identificados (PIRES, 2020. p.8).

A tecnologia, o aumento da carga horária de trabalho e de estudos, estresse, entre outros fatores, fazem com que indivíduos exibem certa dificuldade em se relacionar com outras pessoas, independentemente se esta for uma relação familiar ou profissional. Desta forma, algumas instituições importantes para o desenvolvimento humano são prejudicadas, como é o caso da família PIRES (2020).

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada é Pesquisa Bibliográfica, em textos científicos da literatura, baseados nos temas “Adolescentes”, “Perspectivas de Futuro”, “Adolescentes e Família”, “Contexto Familiar adolescentes” “Uso de Álcool e Drogas na Adolescência”, entre outros autores que buscam discutir a temática em questão. O estudo Bibliográfico é realizado através de conteúdos já elaborados, composto sobretudo de livros e artigos científicos.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

É importante considerar que o desenvolvimento da identidade do adolescente é uma tarefa crucial, envolvendo a combinação das identificações infantis do passado com as transformações físicas, sociais e emocionais atuantes no indivíduo, assim como, compromissos futuros numa unidade pessoal integrada. Indubitavelmente é válido ressaltar o que Oliveira e Mendoza (2018)



trazem como a adolescência é compreendida como uma fase cheia de conflitos inerentes à fase, ou seja, é época de formação da identidade, valores e crenças. Além disso, tal fase permite uma ampliação da visão de mundo, de si e dos demais e a capacidade de se colocar no lugar do outro se torna mais notável, devido à aquisição de aspectos cognitivos e emocionais que lhes dão a oportunidade de vivenciar essa experiência.

O autor, ZAPPE *et al.*, (2013), realizou uma pesquisa com 945 adolescentes com idades entre 14 e 19 anos, de ambos os sexos, que viviam com a família, em instituição de proteção ou em instituição para cumprimento de medidas socioeducativas no Rio Grande do Sul. O intuito foi de investigar as expectativas quanto ao futuro de adolescentes em diferentes contextos institucionais, assim como a presença de fatores de risco ao desenvolvimento em suas trajetórias de vida. Dentre os estudos por eles realizado, os principais conteúdos dos interesses dos adolescentes com relação ao futuro se referem a preocupações relativas a trabalho e educação, porém, estes itens foram justamente os que receberam os menores escores nos três contextos investigados por ZAPPE *et al.*, (2013).

Percebeu-se que as expectativas mais altas referem-se à amizade, família e saúde. Reflexos estes, típicos do desenvolvimento psicológico na adolescência, que se caracteriza pela maior importância do grupo de pares, pelo desligamento da família de origem e constituição de seu próprio núcleo familiar. Na adolescência enfatiza-se a procura de autonomia, a formação da identidade, a exploração da sexualidade e as expectativas de futuro que começam a desenvolver-se ao mesmo tempo em que o adolescente aprende a relacionar-se com os pares e inicia relações mais próximas fora do ambiente familiar (Wilkinson, 2010).

Para Santos (2015), encontrar meios para resolver problemas que são comuns a essa faixa etária é o desafio que está posto para o poder público, mas também para os próprios jovens. Nesse sentido, nos parece claro que o primeiro passo é a compreensão por parte dos adolescentes em se tratar de uma questão global, e o segundo é o reconhecimento do seu potencial enquanto agentes de mudança.

Ainda, os pais influenciam as expectativas futuras de seus filhos adolescentes, definindo padrões normativos, interesses, valores e objetivos, e por servir como modelo para lidar com múltiplas tarefas de desenvolvimento ZAPPE *et al.*, (2013).



Proteger é uma informação que faz parte do contexto das relações primárias e do universo das políticas sociais. Significa, sobretudo, oferecer condições de crescimento e de desenvolvimento, de amparo e de fortalecimento da pessoa em formação (SCHENKER e MINAYO, 2005).

Outra pesquisa, realizada com adolescentes entre 14 a 20 anos, em conflito com a lei que cumpriam medida socioeducativa em regime fechado em Porto Alegre - RS, observou que os adolescentes tem maiores expectativas quanto a ter uma família, ser respeitado na comunidade, ser saudável, ter casa própria e amigos que darão apoio. Por outro lado, os participantes apresentaram uma percepção mais negativa no que se refere a entrar na universidade ou mesmo concluir o ensino médio (NARDI, *et al.*, 2014).

Os autores, PRATTA & SANTOS (2007), revelaram que os planos para o futuro tem ênfase forte oferecida pelos adolescentes a duas questões centrais: estudar e constituir uma família. A procura por continuar os estudos, apresentada pela vontade de ingressar em um curso superior, comprova a valorização imposta à qualificação profissional como tática autêntica para alcançar melhores condições de vida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstrou que as perspectivas dos adolescentes em relação ao futuro, vão além dos seus desejos, isso porque determinados fatores como família, escolas, ambiente, cultura, uso de álcool e outras drogas, influenciam em suas decisões e em sua visão de mundo e de expectativas. Além disso, a fase da adolescência é considerada como uma importante parte do desenvolvimento cognitivo levando em consideração tudo isto, é importante o acompanhamento de uma rede de apoio, entre elas políticas públicas que auxiliem o adolescente a refletir e estabelecer métricas que possam direcioná-lo a um futuro digno de responsabilidades e de subsídios para uma vida adulta promissora. Considerando, que na adolescência o indivíduo deseja conhecer coisas novas, conhecer tudo que é diferente, tem um fator disponível que é o álcool e outras drogas. E este, pode refletir de diversas formas na vida e no futuro do adolescente, quando não acompanhado de forma efetiva. No caso pela família, ou pelo amparo de políticas públicas que direcionem para um futuro promissor. Considerando também que em um mundo capitalista, outros aspectos são deixados de lado, como por exemplo, a conclusão do ensino básico, para que o adolescente inicie no mercado de trabalho,



oportunizando uma forma de remuneração e colaborando muitas vezes com o orçamento da casa, priorizando o aspecto financeiro e não de educação. Esta fase, cheia de conflitos, acompanha a formação da identidade, valores e crenças, que são por vezes influenciadas pelo cenário e o contexto em que o adolescente vive, gerando perspectivas de futuro diferentes do que muitas vezes por ele estava planejado ou que é visto pela sociedade como futuro promissor, com trabalho, estudo e construção de uma família.



REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M; CASTRO, G. M.; PINHEIRO, L. C.; LIMA, F. S.; MARTINELLI, C.C. Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO/ BID, 2002

BELFORT, P.B *et al* 2015. Revista Psicologia: Teoria e Prática, 17(3), 42-51. São Paulo, SP, set.-dez. 2015. 43 ISSN 1516-3687 (impresso), ISSN 1980-6906 (on-line). <http://dx.doi.org/10.15348/1980-6906/psicologia.v17n3p42-51>

BRASIL (2004). Política Nacional de Assistência Social. Brasília: Secretaria Nacional de Assistência Social.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde. / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção em Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem. – Brasília : Ministério da Saúde, 2010. 132 p. : il. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos)

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2.197, de 14 de Outubro de 2004.** Brasília/DF: Ministério da Saúde, 2004.

DIBE, S.K.D, CASTRO, L.C. O trabalho é projeto de vida para os jovens?. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2010, vol. 13, n. 1, pp. 1-15

FONSECA, P. N. da. (2017). O impacto do acolhimento institucional na vida de adolescentes. *Revista Psicopedagogia*, 34(105),285-296.



INOUE, L. **Sentimentos e perspectivas de futuro de usuários de substâncias psicoativas em tratamento em centro de atenção psicossocial para álcool e drogas.** Universidade Estadual de Maringá, 2012.

MÉLEGA, M. P. **Aplicação dos conceitos psicanalíticos ao trabalho em contextos não-clínicos.** Boletim pulsional, n. 62, pp. 46-49, 1994.

NARDI, F.L *et al* 2014. Perfil de adolescentes em privação de liberdade: eventos estressores, uso de drogas e expectativas de futuro. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 116-137, abr. 2014

OLIVEIRA, N. V. S. S.; MENDONZA, H. J. G. Habilidades na resolução de problemas fundamentada na teoria da atividade em estudantes da licenciatura em matemática. **REMATEC: Revista de Matemática, Ensino e Cultura.** Ano 15, nº 35, p. 27-45. ISSN:2675-1909. 2020. Disponível em: <<http://www.rematec.net.br/index.php/rematec/article/view/284>>.

PAPALIA, Diane E. Desenvolvimento humano [recurso eletrônico] / Diane E. Papalia, Ruth Duskin Feldman, com Gabriela Martorell ; tradução : Carla Filomena Marques Pinto Vercesi... [et al.] ; [revisão técnica: Maria Cecília de Vilhena Moraes Silva... et al.]. – 12. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : AMGH, 2013.

PEREIRA, S. E. F. N. Crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade social: Articulação de redes em situação de abandono ou afastamento do convívio familiar. 2016 Disponível em: [2010-ARTIGO ABRIGOS 2SandraEni \(acohimentoemrede.org.br\)](http://2010-ARTIGO-ABRIGOS-2SandraEni@acohimentoemrede.org.br)

PINA, A.C.R *et al* 2019. **Grupo de atenção à vida: um olhar para além da dependência química no centro de atenção psicossocial álcool e outras drogas III (CAPS AD III).** Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Seminário Gepráxis, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 7, n. 7, p. 4267-4279, maio, 2019.

PIRES, Fernanda Regina. Título: O que você vai ser quando crescer? Falando sobre projeto de vida e Comportamentos diversos na adolescência/ Fernanda Regina Pires - Guarulhos, 2020. 135 f. Tese(Doutorado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2020.



PRATTA, E. M. M; SANTOS, M. A. (2007) **Opiniões dos adolescentes do ensino médio sobre o relacionamento familiar e seus planos para o futuro**. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, Brasil.

SANTOS, V.B. O que será o amanhã? Expectativas de jovens sobre futuro, política e trabalho. **DESidades**. REVISTA CIENTÍFICA DA INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE. 2015

SANTOS, M. B; COSTA, C.L.N.A . **O Uso de Drogas na Adolescência**. Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais | Aracaju | v. 1 | n.17 | p. 143-150 | out. 2013

SCHENKER, M; MINAYO, M.C.S. **Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência**. Ciência e Saúde Coletiva. 10(3): 717-717, 2005.

SINGEL, Daniel J. Cérebro adolescente: a coragem e a criatividade da mente dos 12 aos 24 anos / Daniel J. Siegel; tradução Ana Claudia Hamati. - São Paulo : nVersos, 2016. Título original: Brainstorm: the power and purpose of the teenage brain

UNICEF BRASIL. **Adolescentes e jovens brasileiros estão mais otimistas quanto ao futuro do que os adultos, e querem ser parte da construção do futuro**. 2021. Disponível em: [Adolescentes e jovens brasileiros estão mais otimistas quanto ao futuro do que os adultos, e querem ser parte da construção do futuro \(unicef.org\)](https://www.unicef.org/brasil/adolecentes-e-jovens-brasileiros-estao-mais-otimistas-quanto-ao-futuro-do-que-os-adultos-e-querem-ser-parte-da-construcao-do-futuro)

UNICEF. O direito de ser adolescente: Oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades. Fundo das Nações Unidas para a Infância. Brasília, DF, 2011.182p.

ZAPPE *et al.*, 2013. EXPECTATIVAS QUANTO AO FUTURO DE ADOLESCENTES EM DIFERENTES CONTEXTOS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Brasil, 2013.

WIKINSON, R. B. (2010). Best friend attachment versus peer attachment in the prediction of adolescent psychological adjustment. Journal of Adolescence, 33(5), 709-717.